

Conclusão Geral

Para que a Igreja possa cumprir sua missão solidária e libertadora na AL, terá que estar em contínuo processo de conversão e sintonizada com os sinais dos tempos. Somente assim poderá se manter fiel ao Evangelho, anunciar Jesus Cristo, exercer sua denúncia profética com toda autoridade frente aos grandes desafios deste novo milênio.

Inserida num continente onde as mudanças sócio-econômicas e culturais acontecem de forma acelerada e profunda, a Igreja terá que mudar suas estruturas para que, adaptada às novas conjunturas e aos novos desafios, possa melhor servir ao povo. Para realizar esta tarefa, a Igreja deverá continuar transformando-se em Igreja dos pobres, renunciando seus privilégios e buscando novas formas de vivenciar o Evangelho.

O testemunho solidário exige mudanças nas relações internas da Igreja, fazendo prevalecer a fraternidade, a participação e a comunhão. Deverá privilegiar os valores evangélicos, como a pobreza, a liberdade, o serviço gratuito, a abertura aos sinais dos tempos e às novas culturas, e a coragem de “nadar contra a corrente” no anúncio do Reino e na denúncia profética.

Uma Igreja solidária é feita de pessoas abertas e livres, capazes de viver em atitude de autocrítica, enfrentar com realismo fraterno seus conflitos internos. A diversidade de pensamento e de maneiras de agir, as tensões e conflitos, se dão fora e dentro da comunidade eclesial como produtos do momento histórico da pós-modernidade: mudanças rápidas, complexidade social e cultural, conflitos de gerações, visões políticas diferentes e divergentes, maneiras distintas de compreender e de viver a fé.

Neste novo milênio, a Igreja latino-americana deverá continuar unindo suas forças na comum preocupação pelas questões sociais, na linha do último Concílio, das encíclicas recentes de João Paulo II e das grandes Conferências realizadas na AL: Medellín, Puebla e Santo Domingo. A solidariedade exige a união dos cristãos na construção de um mundo mais justo, onde o amor do Pai possa ser acolhido acima de todos os antagonismos e divergências ideológicas.

Entre os cristãos, o pluralismo ético e religioso ante às questões sócio-econômicas, políticas e culturais é inevitável, mas só é legítimo quando sua

orientação fundamental estiver de acordo com os princípios evangélicos: busca de uma sociedade que priorize o ser humano em todos os seus projetos, e desenvolvimento segundo os princípios da fraternidade e da justiça; compromisso solidário na libertação dos oprimidos. A Igreja não poderá deixar-se levar pelo sectarismo. Por isso mesmo, este pluralismo exige dos cristãos maior capacidade de abertura e de revisão de suas próprias posições. Esta capacidade só pode ser adquirida do próprio Deus que, intervindo em nossa vida através dos irmãos que pensam diferente de nós, rompe nossos esquemas de pensamento e nossas próprias seguranças. Os membros da hierarquia, no exercício de sua missão profética, deverão respeitar as opções ideológicas dos leigos, ajudando-os a se unir solidariamente em torno da libertação integral do ser humano em Cristo.

Diante da insegurança, solidão e anonimato da sociedade pós-moderna, e frente a marginalização e exclusão social provocada pela globalização da economia, a Igreja terá que reforçar a opção pelos pobres e incentivar a criação de comunidades eclesiais, afim de permitir às pessoas uma relação mais estreita e pessoal, e de criar condições para o cultivo da vida fraterna e solidária. Os jovens, desconfiados das instituições, sentindo-se mais próximos, solidários e seguros, voltarão a sonhar com as mudanças necessárias para reverter este quadro de exclusão social em que eles são as maiores vítimas.

Este modelo de Igreja é indispensável para a vivência da fé e para a evangelização conscientizadora. Nas comunidades eclesiais de base, as pessoas recuperam sua autoestima, resgatam sua dignidade e se capacitam para o apostolado e exercício de uma pastoral solidária. Assim sendo, tornam-se comunidades evangelizadoras, sacramento de Cristo e sinal de união entre as pessoas.

Uma eclesiologia solidária exige flexibilidade nas estruturas pastorais para que estejam mais adaptadas às novas conjunturas sociais. A estrutura paroquial tem se tornado inadequada em determinados ambientes para a vivência comunitária da fé. Os agentes de pastoral, do clero ou laicato, saindo do recinto sagrado, terão que trabalhar a partir de uma planificação pastoral conjunta para melhor servir o povo. Levando-se em conta o crescimento dos ambientes funcionais em comparação aos territoriais; é necessário reforçar a idéia de fazer das paróquias centros de unificação de uma rede de comunidades de base.

Espera-se que a Igreja viva, respeite e promova os valores humanos e a solidariedade no meio do povo, e que possa ser livre e solidária em suas iniciativas evangelizadoras. Em suas relações com os pobres e com os diversos grupos e instituições da sociedade; sua presença deverá estar na linha do serviço, não da dominação ou do prestígio, evitando todo tipo de triunfalismo e centrando suas forças na construção da solidariedade com os pobres, no mesmo espírito de Cristo que veio para servir e não para ser servido.

Para tornar presente o Evangelho do Reino e cumprir sua missão no mundo latino-americano em crise, a Igreja terá que contar com um cristianismo consciente e responsável. As condições para alcançar estes objetivos são as seguintes: em primeiro lugar, não se apresentar aos diversos grupos humanos ou instituições com fórmulas prontas ou com modelos preestabelecidos. Atenta aos sinais dos tempos, terá que se enquadrar na situação, na problemática e nas aspirações humanas do povo. Ter em vista sobretudo a situação sócio-cultural e os símbolos característicos presentes nos diversos setores da população, partindo da consciência e das tradições religiosas do povo e de seus valores morais. Assumir suas categorias mentais e suas expressões religiosas, convertendo-as em expressões de fé e de vida cristãs a partir do ambiente e com ele. Em segundo lugar, a ação pastoral da Igreja não poderá deixar de lado a formação de seus membros para que vivam consciente e responsabilmente sua adesão a Jesus Cristo, testemunhem sua fé na comunidade e atuem na sociedade como fermento na massa. Em terceiro lugar, os vários serviços de uma comunidade eclesial, como a catequese, a liturgia, a pregação e as pastorais em geral, deverão orientar os fiéis no serviço aos irmãos, tanto no âmbito imediato do dia a dia quanto no âmbito social como, por exemplo, na luta pela justiça. As exigências morais do Evangelho centradas na caridade, devem ajudar os cristãos a tomarem consciência de seu valor e a responder as suas aspirações mais profundas, conferindo sentido e coerência à própria vida. Desta maneira, poderão superar sua resignação e passividade frente à própria miséria e a dos demais bem como superar o dualismo fé e vida. Em quarto lugar, há necessidade de se continuar elaborando uma teologia que leve em conta a situação atual e as necessidades da AL; uma teologia que, respeitando as diferenças religiosas e culturais, possibilite a formação da consciência crítica dos seguidores de Cristo; uma teologia, enfim, que leve à superação das dicotomias temporal-espiritual e natural-sobrenatural. Somente

assim ela poderá estar a serviço de uma ação solidária e libertadora do povo latino-americano.

A Igreja é chamada a sair de si mesma e a entregar-se, como fez Jesus, e pela mesma causa. Ela deve estar a serviço de um Reino que não coincide com qualquer tipo de triunfalismo, mas com a plena libertação dos empobrecidos, chamados a saírem de sua condição de miséria e conduzidos para a reunião de uma só família na casa do Pai.

Dentro de uma visão cristã da vida e da história, os aspectos mais importantes de uma Igreja solidária são os seguintes: o primeiro deles pode ser encontrado em sua *opção fundamental de não viver para si mesma, mas para os outros*, a vida inteira, na práxis da libertação solidária. Esta consiste em buscar autenticamente a verdade, viver efetivamente o amor e lutar comprometidamente pela justiça. Estes três elementos da vida cristã são três dimensões de uma única opção fundamental e de um único compromisso vivido de libertação solidária. O segundo consiste na *vivência comunitária da fé* por meio da qual se faz *a memória viva de Jesus* que consiste em atualizar, a partir de sua pessoa e história, suas opções, sua práxis concreta, sua mensagem e seus conflitos, sua entrega e seu destino, sua morte e ressurreição; *a experiência encarnada de Deus* que pode ser feita de dois modos: positivamente, como fundamento, presença libertadora na vida e na história humana, horizonte absoluto da verdade, do amor e da justiça; e negativamente, como o Ausente e Rejeitado em toda injustiça, crueldade, difamação do ser humano e em toda indiferença em face do sofrimento alheio; e *a esperança ativa de seu Reino* onde todas as pessoas se reconhecem como irmãos e irmãs, filhos e filhas de um mesmo Deus e Pai que quer vida em plenitude para todos.

Se podemos hoje fazer a experiência de um Deus amor ou de um Deus justiça, é porque ele se revelou na vida concreta de Jesus. Tudo na vida e na mensagem de Jesus nos fala de Deus que vem ao mundo exercer seu reinado entre os empobrecidos e excluídos da sociedade.

Toda palavra e todo sacramento da Igreja podem ser transformados em pura hipocrisia, se não expressarem ou comunicarem uma autêntica fé comunitária. Assim também, toda fé comunitária seria estéril e morta se não for comprometida com a vida e a libertação solidária do ser humano.

Neste continente de empobrecidos e excluídos, a Igreja, animada pelo Espírito do Crucificado e Ressuscitado, é chamada a testemunhar a fé em sua ação solidária, na paixão e na alegria pascal e nos anseios de justiça e fraternidade do povo de Deus peregrino. No meio de tantas contradições sócio-econômicas e cultural-religiosas, há que se buscar uma Igreja mais evangélica e acreditada como semente, fermento e serva do Reino na história da AL.

Seguindo as orientações do Concílio Vaticano II, das três Conferências Episcopais da AL (Medellín, Puebla e Santo Domingo), os caminhos de uma Igreja solidária passaria pelas seguintes transformações: primeiro, uma Igreja menos elitista e comprometida com os poderosos, convertida numa Igreja mais acolhedora dos pobres e excluídos, autóctone, misericordiosa e solidária com as culturas oprimidas; segundo, uma Igreja menos hierárquica, estratificada e cheia de disciplina, cujo clero monopoliza a palavra e os sacramentos, convertida numa Igreja mais comunitária, onde as pessoas se conhecem e se ajudam fraternalmente como irmãos e irmãs, toda ela carismática, participativa e ministerial; terceiro, uma Igreja menos triunfalista e neoconservadora em sua ação evangelizadora, em seu magistério doutrinal moralizante e menos sacramentalista, convertida numa Igreja mais evangelizadora no sentido bíblico e libertador, mais profética e aberta ao diálogo ecumênico, que lê a Bíblia e reza sem virar as costas à realidade do povo latino-americano.

É sempre bom recordar o que foi dito na Conferência de Santo Domingo a respeito da Nova Evangelização. Esta, com “o potencial evangelizador dos pobres” e “o protagonismo dos leigos”, particularmente dos jovens e das mulheres, envolve toda a vida e o testemunho das pessoas e das comunidades da Igreja deste continente, toda sua ação pastoral, toda sua contribuição solidária para a libertação e promoção humana de nossos povos empobrecidos e culturalmente oprimidos. Tudo isso na perspectiva do Evangelho de Jesus Cristo e com a força de seu Espírito.

O caminho da solidariedade autêntica na AL tem de levar em conta todos os excluídos e espoliados por um sistema econômico que assalta, fere e abandona suas vítimas. Negar a solidariedade a estes caídos à margem da sociedade, é negar a dignidade humana. A opção pelos pobres feita em Medellín, ratificada em

Puebla e Santo Domingo, é uma atitude solidária que não pode perder sua força transformadora num continente espoliado durante 500 anos.

Diante de um povo pobre, espoliado, enfermo e excluído, a Igreja deverá agir como o Bom Samaritano, compadecendo-se, partilhando o que é necessário para a dignidade do ser humano e libertando as pessoas de todos os males, a exemplo do Pai misericordioso e de seu Filho que viveu pobre no meio dos pobres para servi-los. Diante da necessidade que o povo tem de viver fraternalmente, a Igreja deve ser um espaço de acolhida, reconciliação e celebração da vida. Diante da necessidade que o povo tem de se encontrar com o seu Deus, mediante a oração e a recepção dos sacramentos, a Igreja deve ser este espaço onde as pessoas entram em comunhão com o Deus da vida e com todos os irmãos e irmãs vivos e ressuscitados. Diante dos anseios da Boa Nova, a mensagem da Igreja deverá ser levada considerando as diferentes culturas, lendo o Evangelho a partir da vida e realidade do povo, a exemplo do Pai que, enviando seu Filho ao mundo, se encarnou na história da humanidade, e de Cristo que, mediante o envio de seus discípulos, encarnou a mensagem do Reino nas mais diversas culturas. Finalmente, diante da necessidade de se construir uma nova sociedade, a Igreja deverá agir profeticamente, denunciando as injustiças, anunciando a esperança e chamando à conversão, a exemplo de nosso Deus que se revelou na história como libertador dos oprimidos e de Jesus Cristo que anunciou o Reino aos pobres e do Espírito Santo presente nas comunidades para revelar toda a verdade e animar os agentes do Reino em sua missão evangelizadora.

Com esta reflexão sobre uma eclesiologia solidária espero ter contribuído para que a Igreja, neste novo milênio, diante de novos desafios e sempre atenta aos sinais dos tempos, não esqueça seu compromisso solidário com os pobres, acolhendo com renovado espírito as aspirações do povo por um mundo mais humano e as propostas teológico-pastorais que, desde o Vaticano II até hoje, têm contribuído para o resgate da vida e da dignidade humana. Para que este “resgate da dignidade humana” se concretize na realidade latino-americana e afim de que não haja indigente entre os pobres, a Igreja não poderá abrir mão da luta solidária pela libertação de todos, no Espírito do Senhor Jesus.